

# Empoderamento através do Teatro do Oprimido: reflexões e conscientização socioeducativa<sup>1</sup>

## RESUMO

Este projeto foi concebido com o intuito de proporcionar aos pacientes do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) em Santa Maria – RS, momentos de reflexão, conscientização e empoderamento. Para isso, foram realizadas oficinas teatrais utilizando a metodologia conhecida como Teatro do Oprimido, desenvolvida por Augusto Boal em 1988. A proposta era oferecer aos participantes do CAPS oficinas e jogos teatrais que estimulassem a reflexão e a compreensão da realidade social em que estavam inseridos, visando à transformação dessa realidade. O projeto também tinha como objetivo resgatar a autonomia e incentivar a expressão artística, promovendo o empoderamento pessoal e a emancipação dos indivíduos. Além disso, buscava fomentar ações de respeito mútuo e apoio entre os membros do grupo, promovendo o sentimento de pertencimento, práticas solidárias e reciprocidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Centro de Atenção Psicossocial (CAPS); Empoderamento; Teatro do Oprimido.

**Maria Jade Pohl Sanches**

[jade.pohl.sanches@gmail.com](mailto:jade.pohl.sanches@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-4977-8521>  
Mestrado em Educação (UFBA),  
Salvador, Bahia, Brasil.

**Fernando Russo Costa do Bonfim**

[fernando\\_bonfim@live.com](mailto:fernando_bonfim@live.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-2614-3603>  
Doutor em ciências (UNIFESP), São  
Paulo, São Paulo, Brasil

**Gabriel Veras Reis**

[g.verasreis@gmail.com](mailto:g.verasreis@gmail.com)  
<https://orcid.org/0009-0003-7311-5394>  
Graduado em Ciências Sociais  
(UFSM), Santa Maria, Rio Grande do  
Sul, Brasil

## INTRODUÇÃO

Este artigo partiu de uma pesquisa que tinha o objetivo de oferecer aos pacientes do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) em Santa Maria – RS, momentos de reflexão, conscientização e empoderamento por meio de oficinas teatrais. Utilizando a metodologia conhecida como Teatro do Oprimido, desenvolvida por Augusto Boal em 1988, buscava-se utilizar o teatro como uma linguagem de trabalho, política, social, ética e estética, visando promover a transformação social.

O Teatro do Oprimido (BOAL, 1988) apresenta-se como uma abordagem potente para abordar questões de exclusão social, discriminação e opressão. Augusto Boal, renomado teatrólogo brasileiro, desenvolveu essa metodologia com a intenção de romper com a passividade do público e estimular a participação ativa. Por meio de jogos e exercícios teatrais, os participantes são convidados a explorar suas próprias experiências, identificar situações de opressão e buscar soluções coletivas para os desafios enfrentados.

A partir do aporte teórico de Boal (2009, 2002, 1988), os participantes seriam encorajados a refletir criticamente sobre sua própria realidade, explorando diferentes perspectivas e buscando alternativas para lidar com os desafios enfrentados. Além disso, o projeto também se fundamentou nos princípios pedagógicos de Paulo Freire (2014), e sua abordagem pedagógica, conhecida como Pedagogia do Oprimido, que enfatiza a conscientização crítica e o diálogo como instrumentos para a transformação social. Através da conscientização, os participantes foram convidados a refletir sobre sua realidade, compreender as causas das opressões que enfrentavam e buscar formas de superação coletiva.

No contexto específico do trabalho com usuários de drogas e álcool, o Teatro do Oprimido apresentou-se como uma oportunidade de reintegração e empoderamento. Como indivíduos estigmatizados e marginalizados pela sociedade, enfrentando inúmeros desafios para sua recuperação e reinserção social. Ao participarem das oficinas teatrais, tiveram a oportunidade de expressar suas experiências, desafiar estereótipos e estigmas, e encontrar apoio e compreensão por meio do grupo.

Portanto, esse projeto buscou ir além das abordagens tradicionais de tratamento, reconhecendo a importância de trabalhar não apenas na recuperação física, mas também na reintegração social e no empoderamento dos dependentes químicos. O Teatro do Oprimido oferece uma abordagem inovadora e eficaz para promover a reflexão crítica, o fortalecimento pessoal e a transformação social desses indivíduos, permitindo-lhes reconstruir suas histórias e encontrar seu lugar na sociedade.

## O TEATRO DO OPRIMIDO NO ESPAÇO SOCIOEDUCATIVO

Criado por Augusto Boal em 1988, essa abordagem transcende a dicotomia entre espectadores e atores, reconhecendo o poder transformador do teatro como uma forma de expressão ancestral. Boal, em sua visão, via o teatro não apenas como um evento grandioso, mas como algo presente nos rituais cotidianos muitas vezes negligenciados, ressaltando que cada momento da vida poderia ser encarado como Teatro, desde os mais simples até os mais complexos, envolvendo conflitos e situações emocionais intensas.

No Teatro do Oprimido (TO), o personagem não é uma mera representação dos atores, mas emerge como uma expressão autêntica de suas próprias personalidades. Não há um caminho pré-determinado, mas sim, um percurso construído pelos próprios participantes. Boal (1988) acreditava na abertura de novas veredas, estradas e pontes para explorar possibilidades inovadoras. Um conceito fundamental dentro dessa abordagem é a "catarse", um processo de purificação emocional através da vivência de sentimentos como piedade e terror, permitindo a exorcização de tendências antissociais e antirreligiosas.

O TO surge então como uma linguagem potente para a luta pelo empoderamento e reintegração, apresentando-se como uma alternativa à internação em manicômios, muitas vezes solicitada pelas famílias. Defensoria antimanicomial, o Teatro do Oprimido se destaca como uma possibilidade enriquecedora, a partir de um pensamento sensível, que segundo Boal (2002) resulta em arte e cultura, e é fundamental para a libertação dos oprimidos, ampliando e aprofundando sua capacidade de compreensão. Apenas com cidadãos que, por meio de diferentes formas simbólicas (palavras) e sensíveis (som e imagem), tornam-se conscientes da realidade em que vivem e das possibilidades de transformá-la, é que surgirá, no futuro, uma verdadeira democracia.

Indo além das aparências, Boal (2002) identificava opressores e oprimidos em todas as estruturas sociais, como etnias, gêneros, classes e castas. Ele reconhecia a existência de um mundo injusto e cruel e acreditava na necessidade de construir um mundo possível. Essa construção deveria ocorrer através da participação ativa dos indivíduos, tanto nos palcos como na vida cotidiana e no processo de autoconhecimento:

O autoconhecimento assim adquirido permite-lhe ser sujeito (aquele que observa) de um outro sujeito (aquele que age); permite-lhe imaginar variantes ao seu agir, estudar alternativas. O ser humano pode ver-se no ato de ver, de agir, de sentir, de pensar. Ele pode se sentir sentindo, e se pensar pensando (BOAL, 2002, p. 27).

Essa luta pelo autoconhecimento surge desde 1975, durante a ditadura militar no Brasil, tanto Boal quanto outros artistas enfrentaram opressão, sofrendo censura e tendo suas peças teatrais confiscadas. Boal, em particular, foi sequestrado pela polícia e passou três meses na prisão antes de ser declarado inocente. Essa experiência marcante o levou a deixar o país, retornando somente uma década depois. Ao regressar em 1986, iniciou o Teatro Legislativo, aplicando

os princípios do Teatro-Fórum nas câmaras legislativas com o objetivo de promover a aprovação de leis que protegessem os direitos das pessoas oprimidas.

O Teatro do Oprimido se destacou por sua riqueza de detalhes e pela diversidade de caminhos que oferecia para a transformação social. Boal (2002) desenvolveu uma variedade de técnicas, jogos e exercícios para auxiliar nesse processo. Um exemplo é o Teatro Jornal, no qual notícias de jornal eram transformadas em cenas teatrais, e o uso de atores especiais, como sindicatos, igrejas, grupos estudantis e associações de bairro, para promover uma maior participação comunitária. Mais tarde, surgiu o conceito de Teatro do Invisível, no qual os atores encenavam situações cotidianas em espaços públicos, revelando desfechos surpreendentes e desafiando os espectadores a distinguir entre realidade e encenação.

Outra técnica fundamental foi o Teatro-Fórum, na qual as cenas eram realizadas até o ponto de crise, quando os espectadores foram convidados a oferecer sugestões sobre como o protagonista poderia escapar da opressão. As sugestões do público eram então experimentadas no palco, abrindo espaço para a exploração de novas possibilidades de ação e diálogo. Nesse processo, buscou-se engajar o público de forma ativa, desafiando-os a refletir criticamente sobre a realidade opressora e a buscar soluções coletivas para os problemas enfrentados:

A utilidade dessa técnica reside em ajudar a clarificar esses desejos, vontades, emoções e sensações. Ela permite que o protagonista se veja a si mesmo, não uno como sua imagem física no espelho físico, mas múltiplo; imagem refletida no calidoscópio que são os participantes (BOAL, 2002, p. 185).

A abordagem do Teatro do Oprimido permite que o público intervenha diretamente na cena, rompendo a barreira entre ator e espectador e buscando transformar as opressões vivenciadas pela personagem. Como afirmou Boal (2009, p. 36): "Há que se tomar partido: juntar-se aos que lutam contra todas as formas de opressão, em todo o mundo!".

Um elemento essencial do Teatro do Oprimido é a compreensão de que a opressão não se limita ao exercício do poder, mas está enraizada na própria existência. Boal compartilhava a visão de Paulo Freire (2014) de que o jogo de poder começa quando o oprimido concorda com o opressor. Sua abordagem buscava libertar a plateia aprisionada, baseando-se em princípios de respeito, ética e diálogo. Era necessário dizer "Pare!" diante das opressões e entrar em cena para representar e buscar soluções que modificassem essas opressões. Valorizando o poder transformador da ação, Boal enfatizava que quando a imagem refletida no espelho do teatro é modificada, aquele que atua como protagonista também se transforma.

Boal (2009) expressava seu sonho de solidariedade entre homens, mulheres, negros e brancos, transcendendo fronteiras nacionais. Ele fazia uma distinção entre moral e ética, destacando que a moral é baseada em costumes que podem ser mutáveis e até opressivos, enquanto a ética representa a busca pela perfeição, pela democracia e pelo diálogo. Como salientou Freire:

São experiências distintas e, como tais, é preciso vivê-las distintamente. E, como são distintas, umas podem ensinar às outras. E umas podem aprender com as outras. E nós só aprendemos se aceitamos que o diferente está no outro; do contrário, não há diálogo, por exemplo. O diálogo só existe quando aceitamos que o outro é diferente e pode nos dizer algo que não conhecemos (FREIRE, 2014, p. 19).

Além do diálogo, Boal (2009) destacou a importância do empoderamento em uma de suas apresentações teatrais, na qual compartilhou a história de uma empregada doméstica que representou sua profissão no palco, juntamente com outras mulheres. Essa mulher havia internalizado a imagem de uma pessoa subjugada, invisível e sem voz, acostumada a ser tratada apenas como uma mera servicial, desprovida de sonhos e desejos próprios (como em muitos casos ocorria com as mulheres do espaço Socioeducativo).

No entanto, durante uma dessas apresentações, algo extraordinário aconteceu. Enquanto se preparava para entrar em cena, a atriz se viu refletida no espelho do camarim e, pela primeira vez, teve uma visão de si mesma além do estereótipo da empregada. Naquele momento, ela se percebeu como uma mulher com suas próprias qualidades, beleza e dignidade. Conforme afirmou Boal (2009, p. 22): "Arte é o objeto, material ou imaterial. Estética é a forma de produzi-lo e percebê-lo. Arte está na coisa; estética, no sujeito e em seu olhar".

A emoção foi tão profunda que a atriz não conseguiu conter as lágrimas que brotaram de seus olhos. Aquelas lágrimas representavam a libertação pessoal que ela estava experimentando, mas também simbolizavam todas as outras mulheres reais, como Maria, que ainda lutam contra as amarras da opressão, como relatado por Degranges:

- Eu chorei depois, quando entrei no camarim e me olhei no espelho. Fiquei assustada.

- Por que assustada?

- Eu olhei no espelho e vi uma mulher. Foi a primeira vez, em muitos anos, que isso acontece. Antes, quando eu me olhava no espelho, eu via uma empregada doméstica. Desta vez não. Eu sou uma mulher.

Ela era aquele corpo, aquele pensamento, aquelas emoções. O teatro deu a ela o poder extraordinário de entrar em cena, também na vida, não para se exibir, mas para dizer o que pensava e gostar do corpo que tem (DEGRANGES, 2006, p. 69).

A situação vivenciada pela atriz ilustra como o Teatro do Oprimido, ao proporcionar uma experiência libertadora e catártica, contribui para o empoderamento feminino. Através da arte, as mulheres são encorajadas a desafiar as normas impostas, a reconhecerem-se como protagonistas de suas próprias vidas e a reivindicarem sua voz e poder, conforme afirmou Boal (2009, p. 22): "Temos que sair da caverna, olhar o mundo cara a cara, compreender como se move e quem o faz se mover. Não devemos apagar o fogo, devemos usá-lo para assar batatas e fazer belos churrascos na caverna de Platão."

No contexto dos espaços socioeducativos de usuários de drogas, Schenker e Minayo (2005) destacam a influência da disponibilidade e presença das drogas

na comunidade de convivência como facilitadoras do uso, uma vez que o acesso excessivo normaliza o consumo. Essas autoras ressaltam a interação de vários fatores de risco, como a disponibilidade das drogas, a desorganização social e outros, que se relacionam para levar ao uso das substâncias. Portanto, é importante considerar os fatores de risco de forma integrada, pois, geralmente, eles estão interligados.

No que diz respeito ao impacto do teatro e dos microcosmos sociais do grupo e da família, Lopes et al. (2008) enfatizam a banalização da violência entre adolescentes e jovens de classes desfavorecidas. Segundo as autoras, isso ocorre devido ao grande número de situações de violência presentes no cotidiano desses jovens, refletindo um imaginário social que valoriza o castigo e a punição como forma de correção de comportamentos indesejáveis. Elas afirmam que esse público vivencia rotineiramente práticas violentas, o que acaba estigmatizando a população, associando-a diretamente à periculosidade.

Diante desse contexto, o Teatro do Oprimido surge como uma potente linguagem na luta pelo empoderamento e reintegração social. Ele oferece uma alternativa à internação, muitas vezes em manicômios, que é solicitada pelas famílias, posicionando-se como uma defensoria antimanicomial. Essa abordagem se revela efetiva na promoção da transformação social e na construção de espaços de diálogo e participação, como evidenciaremos em um relato de experiência com jovens de um espaço socioeducativo.

## **VIVÊNCIAS E EMPODERAMENTO EM UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

As Oficinas de Teatro do Oprimido foram conduzidas por um grupo de três professores em um Espaço Socioeducativo, envolvendo dezesseis participantes jovens com idades entre quinze e vinte anos, sendo sete meninas e nove meninos. O objetivo geral dessas oficinas foi promover o empoderamento, estimular a reflexão crítica e promover transformações sociais por meio das técnicas do Teatro do Oprimido. A duração total do projeto foi de oito semanas, com encontros semanais de uma hora.

Para a realização das oficinas, foram necessários alguns recursos. Foi disponibilizado um espaço adequado para a prática das atividades teatrais, além de materiais de escrita como lápis, papel e quadro branco. Também foram utilizados jornais, revistas ou recortes de notícias como material de apoio para as atividades, bem como propostas de leis e temas relacionados aos direitos e opressões sociais. Além disso, foi importante o acesso a espaços públicos para a realização dos exercícios de Teatro do Invisível, uma das técnicas utilizadas.

Apresentamos a seguir um relato de experiência organizado em oito etapas, que corresponderam ao desenvolvimento das atividades da oficina. Cada etapa teve um enfoque específico, buscando atingir os objetivos propostos e promover o engajamento dos participantes de forma progressiva.

Na primeira semana realizamos a introdução ao Teatro do Oprimido, durante a etapa utilizamos exercícios de apresentação e aquecimento. Em um

primeiro momento foi realizado o jogo de "Nome e Ação": Os participantes, em círculo, disseram seus nomes acompanhados de uma ação que representasse algo sobre eles. O restante do grupo repetiu o nome e a ação, fortalecendo a memorização e a conexão entre os integrantes. Surgiram movimentos interessantes como, jogar bola, cantar, dançar e até uma ação provocadora de "cheirar cocaína" realizada por um menino de dezesseis anos.

Em seguida foi feito o "Espelho": Em duplas, os participantes se posicionaram frente a frente e um deles se torna o espelho do outro, imitando seus movimentos e expressões. A ideia foi criar uma conexão através da observação e da sincronia de ações. Para nossa surpresa levaram a sério o exercício.

Para finalizar a primeira etapa escolhemos o jogo "Passe o Sorriso": Em um círculo, um participante iniciou sorrindo para o colega ao lado, que teve que passar o sorriso para o próximo, e assim sucessivamente. O objetivo foi estimular a expressão facial positiva e promover a interação afetiva entre os membros do grupo.

Durante a realização desses exercícios, foi possível observar o desenvolvimento de habilidades como a comunicação verbal e não verbal, a escuta ativa, a empatia e a colaboração. Além disso, foi perceptível o fortalecimento dos vínculos entre os participantes, a quebra de barreiras e a construção de um clima de confiança mútua, visto que alguns participantes não se conheciam. Essa etapa inicial foi fundamental para criar um ambiente favorável ao trabalho teatral e estabelecer a base necessária para que os participantes se sentissem à vontade para se expressar e se engajar nas atividades propostas ao longo das oficinas de Teatro do Oprimido. Importante ressaltar que os professores realizavam os exercícios juntamente com os "alunos" (como iremos chamar), fazendo com que os integrantes se sentissem à vontade, como defende Degranges:

o professor é um participante, não um visitante. [...] Intensifica a relação com os demais integrantes do grupo, possibilitando que estes percebam e se contagiem com o seu prazer em participar das atividades. Além disso, surge sempre a curiosidade do participante, que quer que o professor também se exponha. Será que ele sabe jogar como nos pede para fazer? Uma relação diferente se estabelece, pois desmitifica a figura do coordenador no grupo, aproximando-o dos demais integrantes, que se sentem mais à vontade para jogar (DEGRANGES, 2006, p. 98).

Essa potencialidade dos professores em ação junto com os participantes fez-se presente também na segunda semana de oficina. Na etapa conhecida como exploração dos jogos teatrais, o foco foi estimular a expressão corporal, a improvisação e a comunicação não-verbal dos participantes. Esses exercícios proporcionaram uma maior consciência e domínio do próprio corpo, como explica Boal:

Sempre digo que podemos calar a boca, mas não o corpo. Se a palavra nos exercícios precisa ser mais necessária e rica, assim como as imagens, é porque o conjunto do trabalho se aproxima de uma

reflexão sobre a própria metáfora. Faz algum tempo que estamos tentando não contar diretamente as coisas, buscando transposições menos literais, mais simbólicas (BOAL, 2014, p. 294).

O primeiro jogo utilizado foi "Estátuas": os participantes se movimentavam livremente pelo espaço e, a partir de um comando, congelavam em uma posição corporal. Foram exploradas diferentes temáticas, emoções ou situações para a criação das estátuas. Como por exemplo: "a descoberta da mãe com o filho usando drogas", "a polícia e um criminoso", dentre outras cenas baseadas no contexto dos integrantes. Essa atividade estimulou a expressão corporal e a capacidade de representar visualmente diferentes estados ou personagens.

Em seguida realizamos a "Condução de Energia": os participantes formaram uma roda e passaram uma energia imaginária de pessoa para pessoa. A energia poderia ser representada por um som corporal, um gesto ou uma palavra sem o uso da voz. Foi interessante observarmos tanto a recepção com a passagem de diferentes formas, como gritos mudos, risadas sem som, sussurros, e até abraços. O objetivo foi explorar diferentes formas de comunicações corporais e a capacidade de receber e transmitir sensações e emoções.

Para finalizar foi realizada a "Construção de Cena": na qual, os participantes foram divididos em duplas e receberam uma temática ou situação para criar uma cena improvisada. A cena poderia ser construída a partir de gestos, movimentos e interações corporais, sem o uso de diálogos verbais. Essa atividade estimulou a criatividade, a improvisação e a comunicação não-verbal. Com cenas como as relatadas anteriormente com o exercício das estátuas, situações como violência, estupro, roubo, drogas (sem violar ou encostar no colega de improvisação).

Durante a realização desses exercícios, foi possível observar o aumento da expressividade corporal dos participantes, o desenvolvimento da capacidade de improvisação e a ampliação das possibilidades de comunicação não-verbal. Além disso, essas atividades favoreceram a colaboração e o trabalho em equipe, pois os participantes puderam interagir, se adaptar e responder às propostas dos colegas de forma coesa.

Ao final pudemos discutir o quanto da realidade foi trabalhada nos aspectos teatrais de ficção, e trouxemos como citação, as palavras de Boal: "Teatro do Oprimido: se o oprimido em pessoa (e não o artista em seu lugar) realiza uma ação, essa ação realizada na ficção teatral possibilitar-lhe-á auto-ativar-se para realizá-la em sua vida real" (BOAL, 2002, p. 59).

Essa alteridade entre os contextos atuais dentro da perspectiva teatral ocorreu também na terceira semana de encontro. No qual foi utilizada a técnica de Teatro Jornal. Como facilitadores da oficina fornecemos aos participantes jornais e recortes de notícias que abordaram questões sociais e situações de opressão, como desigualdade, discriminação, violência, entre outros. Os participantes tiveram a oportunidade de explorar diferentes histórias e problemáticas presentes na mídia.



Como proposta prática primeiramente foi realizada uma divisão em quatro grupos, nos quais selecionaram uma notícia que despertasse seu interesse e estivesse relacionada às questões de opressão que desejavam abordar. Foi importante que cada grupo escolhesse uma notícia com a qual se sentisse conectado para explorar em uma cena teatral. Em seguida, cada grupo trabalhou em conjunto para transformar a notícia selecionada em uma cena teatral. Foi comovente observá-los discutirem e debaterem as questões levantadas pela notícia, identificaram os personagens envolvidos, exploraram as emoções e conflitos presentes na história e criaram diálogos e situações que representavam as problemáticas abordadas.

Após a preparação das cenas teatrais, os grupos as apresentaram para o restante do grupo. Em seguida, foi realizada uma discussão coletiva sobre as problemáticas abordadas em cada cena, as emoções despertadas, as possíveis soluções e as reflexões trazidas pelas representações teatrais.

Essa atividade permitiu que os participantes explorassem situações de opressão retratadas na mídia, desenvolvendo a capacidade de análise crítica e empatia. Através do Teatro, eles revelaram ter a oportunidade de se expressar, refletir sobre as problemáticas sociais e articular possíveis soluções. Além disso, a discussão coletiva promoveu um ambiente de escuta ativa, respeito e compreensão mútua, como defendido por Soares:

Enquanto estratégia lúdica o teatro humaniza a prática, pois contempla os sentimentos, as sensações e a intuição, tanto quanto a razão. Considera, também, o imaginário, os desejos e os sonhos das pessoas, superando potencialmente as tradicionais fronteiras estabelecidas entre as disciplinas e permitindo a busca para a formação da cidadania, com a participação de todos os envolvidos como sujeitos da história (SOARES et al.; 2011, p. 819).

Essa humanização, representada pelo TO, ficou evidente quando os profissionais da saúde nos procuraram para relatar a melhora dos participantes ao longo de outras atividades, revelando a diminuição de alguns aspectos negativos como depressão, agressividade e apatia. Essa afirmação nos fez entender a necessidade de enxergar o protagonismo desses jovens tão invisibilizados pela sociedade. Na quarta semana decidimos arriscar uma atividade diferenciada e desafiadora (anteriormente permitidas pelos profissionais e coordenadores do Centro Socioeducativo).

Primeiramente introduzimos o conceito e a dinâmica do Teatro do Invisível, que consiste em encenar situações cotidianas com desfechos surpreendentes em espaços públicos. Explicamos como essa técnica poderia chamar a atenção das pessoas, provocar reflexões e incentivar a busca por soluções para as opressões vivenciadas. Pedimos primeiramente atenção e respeito mútuo para a realização da cena.

O grupo então discutiu e selecionou uma situação de opressão que eles consideravam relevantes e que desejavam encenar através do Teatro do Invisível. Nessa situação uma atriz mais velha (de 20 anos) fazia a mãe que descobriu que o filho estaria envolvido com uma jovem usuária de cocaína. Nesse sentido, pudemos abordar questões como discriminação, estigma, preconceito, entre outras.

Em seguida, com um transporte realizado pelo Centro Socioeducativo, nos organizamos para apresentar a cena em um restaurante burguês no centro da cidade, explicamos inicialmente para os proprietários que seria realizada uma encenação, devido ao local ser estratégico onde os participantes poderiam atingir um público diversificado e promover maior impacto e conscientização. Os jovens se dividiram então em diversas mesas, enquanto a mãe fictícia e os jovens (filho e nora) se dispuseram ao centro. Em um determinado momento a mãe levantou e gritou para seu filho que não se encontrasse mais com a menina pois essa “cheirava cola”, não demorou para que as pessoas ao redor se entreolhassem assustadas e algumas provocando risos e deboches.

Como foi combinado, os participantes levantaram um por um e falaram em voz alta as reações do público como: “Risadas; deboches; surpresa; julgamentos;” e se uniram ao centro da mesa onde a mãe disse ao público que todas aquelas respostas visuais e corporais do público deixaram evidente o quanto os usuários de droga eram pré-julgados e condenados pela sociedade. Em seguida os participantes se apresentaram como atores do Centro Socioeducativo e agradeceram, foram surpreendentemente aplaudidos pelos espectadores, até escutamos de uma mãe, que abraçando a fictícia relatou que entendia o que a outra passava.

Ao retornarmos ao espaço da oficina, os atores se mostraram eufóricos e felizes, pois haviam vivenciado uma “ludicidade real”, como dito pela nora fictícia. De acordo com Luckesi (2014), a atividade lúdica fez com que os jovens se sentissem livres e plenos durante o processo, sem divisão em sua personalidade entre serem lúdicos e não-lúdicos. Isso acontece porque, quando se pratica uma atividade lúdica, o ser humano vive uma experiência completa, entregando-se totalmente à atividade em questão. Ficando evidente a partir das discussões e resultado da cena, as palavras de Boal:

Espaço Estético (teatral e terapêutico), sua atenção se divide e seu desejo se dicotomiza: ele passa, simultaneamente, a querer *mostrar* a cena e a *mostrar-se* em cena. Ao mostrar como foi a cena vivida, procura outra vez a *concretização* de seus desejos tais como aconteceram ou como se frustraram. Ao *mostrar-se* em cena, em ação, procura proceder à *concreção* desse desejo. O *desejar* torna-se *coisa*. O Verbo se transforma em Substantivo palpável (BOAL, 2002, p. 38).

O espaço estético defendido pelo diretor reverberou no quinto encontro com o Teatro-Fórum. Primeiramente explicamos como uma técnica em que as cenas são realizadas até o momento de crise, quando os espectadores são convidados a oferecer sugestões para superar a opressão retratada. Destaca-se assim a importância da participação da plateia e a possibilidade de construir soluções coletivas.

Durante o processo de preparação da apresentação final aberta ao público, os participantes da oficina dedicaram-se à seleção, ensaio e ajustes finais das cenas teatrais mais impactantes e significativas trabalhadas ao longo do processo. As cenas foram cuidadosamente escolhidas, levando em consideração a sua relevância e potencial para despertar a reflexão sobre as opressões sociais vivenciadas pelos jovens.

A primeira cena resgatou o ocorrido com a mãe fictícia no restaurante, o momento da crise seria quando a mãe “partisse para cima do menino”. A segunda cena seria um policial flagrando um adolescente fumando maconha e partindo para agressões verbais desnecessárias humilhando o menino em público. A terceira consistia em um grupo de jovens forçando um menino a usar drogas junto com eles, ao dizer não, era exposto, julgado e também humilhado.

Nos ensaios das três cenas escolhidas, os participantes foram encorajados a explorar a expressividade corporal e vocal, aprofundar os diálogos e aprimorar a interpretação dos personagens. O objetivo era transmitir com autenticidade as situações de opressão retratadas, buscando sensibilizar o público e estimular o debate sobre essas questões sociais. Foram enfatizadas a importância da escuta ativa entre os integrantes do elenco, a cooperação e a colaboração para a construção coletiva das cenas. Incentivamos a reflexão crítica sobre as opressões sociais abordadas e orientamos os participantes a incorporarem essas reflexões em suas interpretações, buscando impactar emocionalmente o público.

Os ajustes finais das cenas foram realizados visando aprimorar a fluidez da encenação, a coesão do grupo e a potencialização das mensagens transmitidas. Os participantes foram encorajados a explorar possibilidades de expressão e experimentar soluções criativas para destacar os aspectos mais relevantes das situações de opressão, gerando um maior impacto nas pessoas que assistiriam à apresentação.

A apresentação final foi realizada em uma escola de periferia com jovens também em vulnerabilidade social, aberta ao público e contou com a presença de familiares, amigos e membros da comunidade, além da família dos próprios atores. As cenas teatrais encenadas despertaram emoções e reflexões, gerando um ambiente propício para o diálogo e a conscientização sobre as opressões sociais. O público teve a oportunidade de participar ativamente por meio do Teatro-Fórum, oferecendo sugestões e buscando alternativas para superar as situações de opressão retratadas.

Ao final da apresentação, foi possível observar o impacto positivo do trabalho realizado nas oficinas teatrais. Os participantes demonstraram um crescimento pessoal significativo, desenvolvendo habilidades de expressão, confiança, empatia e consciência social. As famílias dos jovens relataram a melhora nas relações familiares, a ampliação da autoestima e o aumento da motivação para enfrentar os desafios da vida.

A comunidade reconheceu a importância do trabalho realizado, evidenciando o potencial transformador do teatro como linguagem de empoderamento e reintegração social. Houve até mesmo um momento interessante em que três estudantes da escola, pediram para nós (oficineiros) que pudessem participar do grupo de oficina, ignorando que se tratava de um grupo de jovens dependentes químicos de um Centro Socioeducativo.

Ao enxergarmos os corpos eufóricos dos participantes atores, abraçando seus familiares, estudantes e professores da Escola escolhida, nos emocionamos, lembrando de algumas mães dizendo que não havia alternativa além de

“internar” o filho em um ambiente psiquiátrico. E não foi o Teatro então, uma luta social como possibilidade de desmedicalização desses artistas sociais? Afinal:

Não basta consumir cultura: é necessário produzi-la. Não basta gozar arte: necessário é ser artista! Não basta produzir ideias: necessário é transformá-las em atos sociais, concretos e continuados. Em algum momento escrevi que *ser humano e ser teatro*. Devo ampliar o conceito: *ser humano e ser artista! Arte e Estética são instrumentos de libertação* (BOAL, 2009, p. 16).

Como finalização, na oitava semana, foi organizada uma roda de conversa mediada pelos facilitadores no espaço da oficina. Nessa roda, os participantes foram convidados a relatar suas experiências, os aprendizados adquiridos e as transformações pessoais vivenciadas. Foi um momento de escuta atenta, em que cada um teve a oportunidade de expressar suas vivências, conquistas e desafios enfrentados durante o processo.

Além disso, os familiares e profissionais da saúde presentes também foram convidados a compartilhar seus depoimentos. Essa abertura proporcionou um espaço de escuta e reconhecimento do impacto positivo do Teatro do Oprimido nas vidas dos jovens. Foi um momento de valorização e celebração, em que a família pode expressar seu orgulho e gratidão pelas mudanças observadas nos participantes.

Após a roda de conversa foi realizado um momento de celebração, como surpresa final, foram transferidos para um outro espaço, onde haviam lanches disponibilizados pelo espaço, permitindo que todos interagissem e fortalecessem os laços construídos ao longo das oficinas.

Em um projetor e nas paredes estavam os registros como fotos, depoimentos, as notícias de jornais e vídeos que evidenciaram que os jovens foram capazes de se expressar de forma mais livre e autêntica por meio do teatro. Perceberam que desenvolveram habilidades de comunicação, expressão corporal e improvisação, ganhando confiança em suas capacidades artísticas. Foi notável o crescimento na expressividade emocional e na capacidade de transmitir mensagens relevantes por meio das cenas teatrais.

Os depoimentos escritos e em vídeo foram coletados para documentar o impacto dessas experiências nas vidas dos jovens. Neles, os participantes e familiares expressaram gratidão pela oportunidade de participar das oficinas, destacaram o desenvolvimento de habilidades teatrais e ressaltaram as transformações pessoais e emocionais que ocorreram ao longo do processo. Foi possível transmitir o impacto positivo do Teatro do Oprimido na vida dos jovens dependentes químicos, enfatizando a importância do processo artístico como um caminho de superação, expressão e empoderamento, nessa peça encenada coletivamente pudemos concluir que todos nós, participantes, oficinairos, enfermeiros e famílias, somos todos atores!

## CONCLUSÃO

A potência antimanicomial do Teatro do Oprimido com jovens dependentes químicos transcende as palavras, ao longo das oficinas, testemunhamos transformações impressionantes, como mães relatando melhoras significativas em seus filhos, uma distância cada vez maior das drogas e um despertar para novas possibilidades de vida. Essas histórias de superação são emocionantes, pois esses jovens, que antes se sentiam aprisionados em suas dependências, se enxergaram como protagonistas de suas próprias histórias.

O Teatro do Oprimido se revelou como uma potente linguagem de expressão, permitindo que os atores se libertassem das amarras invisíveis que os aprisionavam. Por meio das atividades teatrais, eles puderam explorar suas habilidades artísticas, desenvolver projetos musicais, envolver-se em práticas esportivas e até mesmo um deles teve a oportunidade de ingressar no curso de Teatro na Universidade. Essas conquistas são prova viva da potência transformadora do Teatro em nível coletivo.

Mais do que números e estatísticas, essas histórias representam o resgate da dignidade, da autoestima e da esperança. Ver esses jovens brilhando nos palcos da vida, expressando sua criatividade e se reconstruindo como seres humanos é algo que toca profundamente nossos corações. O Teatro do Oprimido se despediu com abraços afetivos e laços criados ao longo do processo. Vimos que é fundamental criar mais espaços onde crianças, jovens, adultos e idosos, possam expressar suas dores, suas lutas e seus sonhos por meio da arte, mostrando que todos nós, professores, alunos, dependentes, familiares, profissionais de saúde, temos o direito de brilhar e escrever nossa própria história. Afinal, somos todos artistas!

# Empowerment through the Theatre of the Oppressed: reflections and socioeducational awareness

## ABSTRACT

This project was conceived with the purpose of providing moments of reflection, awareness, and empowerment to patients at the Center for Psychosocial Care (CAPS) in Santa Maria - RS, Brazil. To achieve this, theatrical workshops were conducted using the methodology known as Theatre of the Oppressed, developed by Augusto Boal in 1988. The proposition was to offer CAPS participants workshops and theatrical games that would stimulate reflection and understanding of the social reality in which they were immersed, aiming at transforming this reality. The project also aimed to restore autonomy and encourage artistic expression, promoting personal empowerment and emancipation of individuals. Furthermore, it sought to foster actions of mutual respect and support among group members, promoting a sense of belonging, solidarity, and reciprocity.

**KEYWORDS:** Center for Psychosocial Care (CAPS). Empowerment. Theatre of the Oppressed.

# Empoderamiento a través del Teatro del Oprimido: reflexiones y conciencia socioeducativa

## RESUMEN

Este proyecto fue concebido con el propósito de proporcionar momentos de reflexión, conciencia y empoderamiento a los pacientes del Centro de Atención Psicosocial (CAPS) en Santa Maria - RS, Brasil. Para lograr esto, se llevaron a cabo talleres teatrales utilizando la metodología conocida como Teatro del Oprimido, desarrollada por Augusto Boal en 1988. La propuesta consistía en ofrecer a los participantes del CAPS talleres y juegos teatrales que estimularan la reflexión y comprensión de la realidad social en la que estaban inmersos, con el objetivo de transformar esta realidad. El proyecto también buscaba restablecer la autonomía y fomentar la expresión artística, promoviendo el empoderamiento personal y la emancipación de los individuos. Además, se pretendía fomentar acciones de respeto mutuo y apoyo entre los miembros del grupo, promoviendo un sentido de pertenencia, solidaridad y reciprocidad.

**Palabras clave:** Centro de Atención Psicosocial (CAPS); Empoderamiento; Teatro del Oprimido.

## NOTAS

1 Este artigo foi elaborado com o propósito de oferecer aos futuros docentes de pedagogia no ensino superior, um exame minucioso acerca das práticas teatrais e pedagógicas aplicadas em contextos não formais, destacando particularmente o cenário do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) destinado ao atendimento de indivíduos com dependência química.

## REFERÊNCIAS

BOAL, A. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

BOAL, A. **O arco-íris do desejo: método Boal de teatro e terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

BOAL, A. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOAL, A. **Teatro do Oprimido: e outras poéticas políticas**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DESGRANGES, F. **Pedagogia do teatro: provocação e dialogismo**. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

FREIRE, P. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

LOPES, R. E. *et al.* Juventude Pobre, Violência e Cidadania. **Saúde Soc. São Paulo**, v. 17, n. 3, p. 63-76, 2008.

LUCKESI, C. Ludicidade e formação do educador. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, Salvador, v. 3, n. 2, p.13-23, 2014.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciências & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 707-717, 2005.

SOARES, S. M.; SILVA, L. B.; SILVA, P. A.B. O teatro em foco: estratégia lúdica para o trabalho educativo na saúde da família. **Escola Anna Nery (impr.)**, v. 15, n.4, p. 818-824, 2011.

**Recebido:** 02 jul. 2023

**Aprovado:** 10 agost. 2023

**DOI:** 10.3895/rtr.v8n0.17206

**Como Citar:** SANCHES, M. J. P.; BONFIM, F. R. C.; REIS, G. V. Empoderamento através do teatro do oprimido: reflexões e conscientização socioeducativa. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 8, e17206, p. 1-16, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr>>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

Maria Jade Pohl Sanches  
jade.pohl.sanches@gmail.com

**Direito Autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

